

# **PULP FICTION: UMA LEITURA DAS CAPAS**

## **PULP FICTION: A READING OF THE COVERS**

### **PULP FICTION: UNA LECTURA DE LAS PORTADAS**

Paulo Roxo Barja<sup>1</sup>  
Cláudia Regina Lemes<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho visa analisar as capas de romances *pulp fiction* publicados no Brasil no período áureo – os anos (19)60 –, avaliando-se a presença de padrões visuais destinados a chamar a atenção do leitor. Análise estatística de elementos de destaque na capa revela predominância de mulheres brancas em capas que apresentam um modelo estereotipado de beleza feminina como fonte de crimes.

**Palavras-chave:** Imagem; indústria cultural; análise semiótica.

**Abstract:** This work aims to analyze the covers of pulp fiction novels published in Brazil in its gold period – the years (19)60 –, evaluating the presence of visual patterns designed to attract the reader's attention. Statistical analysis of elements highlighted in the cover reveals predominance of white women on covers that present stereotyped model of female beauty as a source of crimes.

**Keywords:** Image; culture industry; semiotic analysis.

**Resumen:** Este trabajo tiene como objetivo analizar las portadas de novelas de ficción pulp publicadas en Brasil en el período aureo – los años (19)60 –, evaluando la presencia de patrones visuales diseñados para atraer la atención del lector. El análisis estadístico de los elementos destacados en la portada revela el predominio de las mujeres blancas en portadas que presentan un modelo estereotipado de la belleza femenina como fuente de crímenes.

**Palabras clave:** Imagen; industria cultural; análisis semiótico.

## **Introdução**

Pode-se definir a *pulp fiction* como uma literatura cujas publicações são efetuadas, originalmente, em papel de baixo custo (frequentemente papel jornal); trata-se em geral de romances policiais (com tradicional mescla de amor e crime no roteiro), vendidos em bancas de jornais para o público que, ao menos no início, era majoritariamente masculino. No Brasil, desde o final dos anos (19)40, o *pulp fiction* tem mercado garantido, inclusive com a participação de autores nacionais, ainda que travestidos de estrangeiros, como King Shelter (pseudônimo adotado por Patrícia Galvão para seus contos policiais). Ainda hoje verifica-se a presença (com boa vendagem) de romances *pulp fiction* em bancas e livrarias, às vezes dividindo espaço com histórias em quadrinhos que apresentam semelhança na temática de combate ao crime.

Os anos (19)50 e (19)60 podem ser considerados como a época de ouro deste tipo de literatura em território nacional. A primeira foi "*Fantastic*" (versão de revista americana homônima), da Edigraf (São Paulo), que circulou entre 1955 e 1961. Segundo Causo (2021), em meados dos anos (19)50 a estratégia de publicar *pulp fiction* no Brasil com autores em geral americanos era uma forma

---

<sup>1</sup> Grupo de Pesquisa em Estatística Aplicada (GPEA), Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo (FEAU), Universidade do Vale do Paraíba (UNIVAP).

<sup>2</sup> Instituto de Psicologia (IP), Universidade de São Paulo (USP).

encontrada por editores brasileiros para ganhar duplamente: i) pelas boas vendas junto ao público não-elitizado; e ii) porque era mais barato, fácil e rápido pagar tradutores do que escritores originais nacionais. Além disso, os livros assim já saíam no Brasil com o status de sucessos de venda, seguindo a noção da indústria cultural segundo a qual vendas atraem mais vendas.

Por todas essas razões, a época de ouro do gênero no Brasil ocorreu com atraso em relação aos Estados Unidos – onde a *pulp fiction* já florescia nos anos (19)40, paralelamente aos filmes *noir* de Hollywood. Inicialmente publicadas em revistas, as histórias policiais no Brasil começam a migrar para o formato de livros na virada para os anos (19)60. Naturalmente, por ser um produto de consumo popular, o romance *pulp fiction* sempre teve na capa um dos principais elementos para atrair o leitor; ainda hoje verifica-se a presença (com boa vendagem) de romances *pulp fiction* em bancas e livrarias, às vezes dividindo espaço com histórias em quadrinhos de temática policial.

O presente trabalho visa analisar as capas de romances *pulp fiction* publicados no Brasil no período áureo – os anos (19)60 –, avaliando-se a presença de padrões visuais destinados a chamar a atenção do leitor. Para análise global dos livros sob estudo, empregou-se avaliação estatística, apresentada por Pignatari (1968) como instrumento essencial para quantificação e avaliação da informação.

Após esta introdução, o artigo encontra-se organizado da seguinte forma: a seção Metodologia apresenta a pesquisa efetuada e os parâmetros avaliados nas capas, sendo seguida pela análise semiótica de uma capa considerada típica. Seção posterior apresenta a análise estatística do conjunto de capas, com gráficos facilitando a visualização dos resultados quanto aos parâmetros avaliados. Esta é seguida pela discussão dos padrões encontrados, e encerramos o artigo apresentando considerações finais que envolvem análise crítica do material avaliado.

## Metodologia

Para composição da amostra de livros, efetuou-se pesquisa prospectiva em sebos de São José dos Campos, adotando-se como critérios de inclusão a publicação ter ocorrido na primeira metade da década de (19)60 e pela editora TecnoPrint/Edições de Ouro; constituiu-se assim uma coleção com cerca de 30 livros.

Foi escolhida para análise semiótica a capa do romance "Lábios em Fogo" (Figura 2), de Bruno Fischer (1965)<sup>3</sup>, considerada representativa por apresentar as características típicas das capas sob análise, com destaque para a presença central de personagem feminina. A análise semiótica foi realizada nos moldes apresentados por Hildebrand (2021): observa-se inicialmente na capa, enquanto signo submetido à análise, elementos como cores, formas, volumes, texturas e equilíbrios entre as partes. A capa se destaca pela imagem em primeiro plano, em geral clara, para chamar atenção por contraste com o fundo escuro.

Empregou-se análise estatística descritiva como recurso para avaliação crítica e sistemática das capas da coleção de livros. A partir da observação visual, foram identificados diferentes parâmetros de análise, consistindo nos diversos elementos presentes nas capas. As dimensões iniciais de análise incluíram as variáveis:

- i. cor predominante da capa;
- ii. elementos de destaque na imagem de capa;
- iii. elementos de segundo plano presentes na capa.

---

<sup>3</sup> FISCHER, Bruno. *Lábios em fogo*. Rio de Janeiro: Ediouro/Tecnoprint, 1965.

Após a análise estatística destas variáveis, constatando-se a presença de mulheres como elemento-chave nas capas dos romances, efetuou-se uma segunda rodada de avaliações, com a análise estatística passando a incluir variáveis referentes a características físicas das mulheres retratadas nas capas. Também foram avaliadas as palavras-chave dos títulos (que frequentemente faziam menção direta a características da figura feminina).

### Análise semiótica

A Figura 1, a seguir, apresenta um panorama visual de diversas das capas avaliadas. Uma breve inspeção confirma o elemento-chave nas capas: a presença da figura feminina.



**Figura 1:** Capas de romances *pulp fiction* analisados

Fonte: Elaboração própria a partir de coleção particular dos autores

A Figura 2, a seguir, apresenta a capa especificamente selecionada para análise semiótica no presente trabalho.



**Figura 2:** Capa selecionada para análise semiótica – Fonte: Elaboração própria a partir de FISCHER (1965)

O objeto imediato é a capa do livro em formato de bolso. A capa é feita em papel brilhante de alta gramatura, destacando-se do interior do livro, impresso em papel jornal. As cores vibrantes ajudam a dar destaque à imagem, que apresenta como elementos textuais o título do livro, o autor e um breve resumo do roteiro, em tons claros para contrastar com o fundo escuro. O elemento principal é a figura feminina, que ocupa a maior parte da área da capa; da figura, sobressai a pele clara da mulher e a cor azul celeste de sua blusa. O título em letras grandes chama a atenção no alto da capa; as cores do título repetem as cores presentes na figura feminina central.

A imagem da capa visa representar a história narrada no livro, objeto dinâmico. No texto da capa, revela-se que a mulher de “formas sedutoras” recebeu uma grande herança e há um homem que cobiça “as duas coisas”. A ilustração apresenta justamente uma cena em que uma mulher bela (em primeiro plano) é observada por um homem (em segundo plano).

Como interpretante imediato, a capa transmite a justaposição dos elementos centrais da trama: crime e sensualidade. Os contrastes visuais (claro/escuro, por exemplo) evocam tensões narrativas. A capa também atrai o leitor masculino pelo padrão culturalmente construído para a figura feminina, uma jovem mulher de lábios vermelhos, pele clara e cabelo loiro, cujos seios estão evidenciados pelo decote da blusa.

No que se refere ao interpretante dinâmico, pode-se observar que o rosto da mulher é delicado, mas sua expressão alude à sedução; seu olhar dirige-se para o lado, sugerindo a percepção da presença, ao fundo, de um homem em traje social que a observa em silêncio. Levando em conta o resumo do roteiro, imagina-se que a figura feminina na imagem é a provável vítima do homem em segundo plano, que se configura como vilão/assassino. No entanto, em outra hipótese interpretativa, pode-se imaginar que este homem em segundo plano represente o próprio leitor-*voyeur*.

### Análise estatística

Nesta seção, apresentamos os resultados estatísticos das análises efetuadas no conjunto das capas brasileiras consideradas no presente estudo. Inicialmente, a Figura 3 apresenta as cores predominantes nas capas.

#### Cor predominante na capa

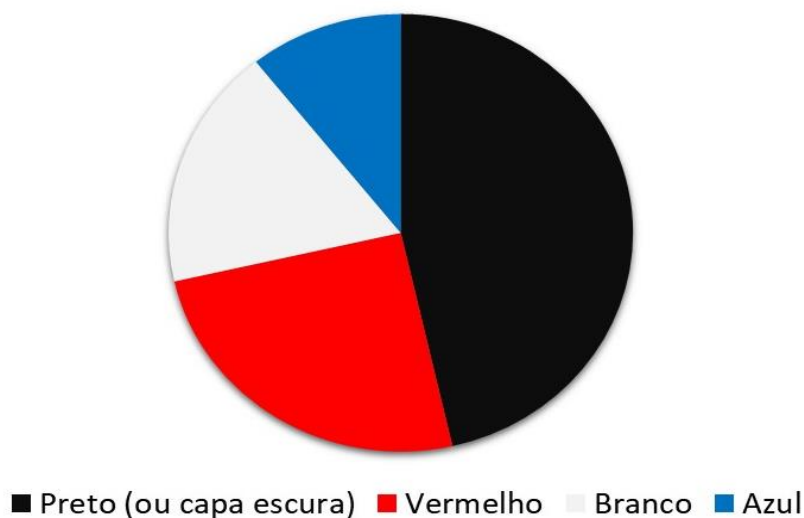
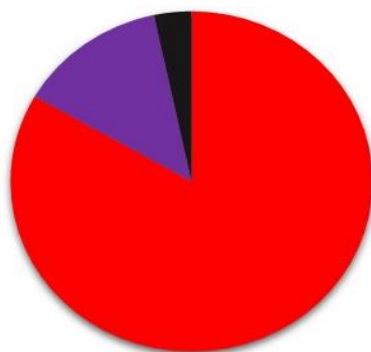


Figura 3: Distribuição percentual da cor predominante nas capas dos romances – Fonte: Elaboração própria

Em seguida, a Figura 4 atesta a presença ostensiva da figura feminina nas capas analisadas.

### Imagem em primeiro plano

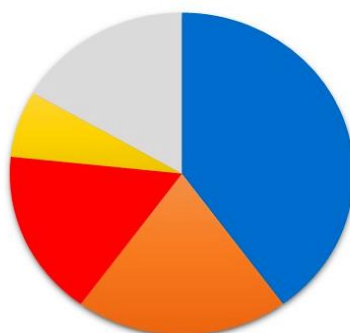


■ Mulher ■ Uma mulher e um homem ■ Duas mulheres

**Figura 4:** Distribuição percentual da imagem em primeiro plano nas capas – Fonte: Elaboração própria

A Figura 5 apresenta os resultados referentes aos elementos de imagem em segundo plano, para as capas analisadas.

### Elementos de imagem (segundo plano)

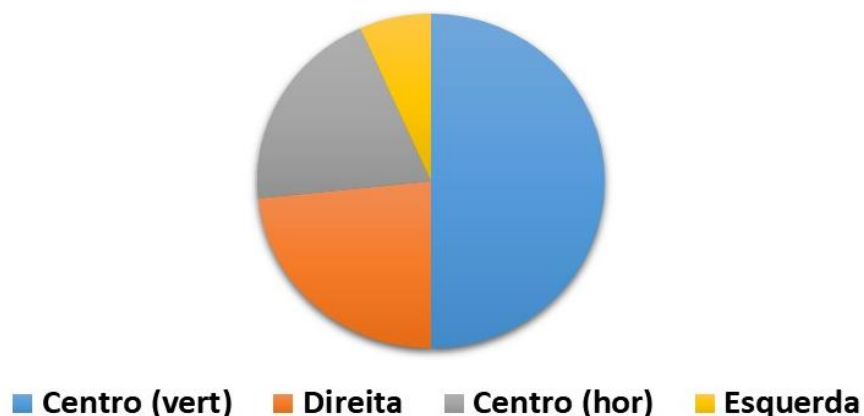


■ Homem (1 ou mais) ■ Parede ou fundo abstrato  
■ Mulher ■ Carros / Rua  
■ Outros

**Figura 5:** Distribuição percentual dos elementos em segundo plano nas capas – Fonte: Elaboração própria

Observa-se que é frequente a presença de um homem em segundo plano nas capas, como a vigiar a presença feminina em destaque. Na sequência da análise, a Figura 6 apresenta uma avaliação estatística da posição relativa da mulher nas capas.

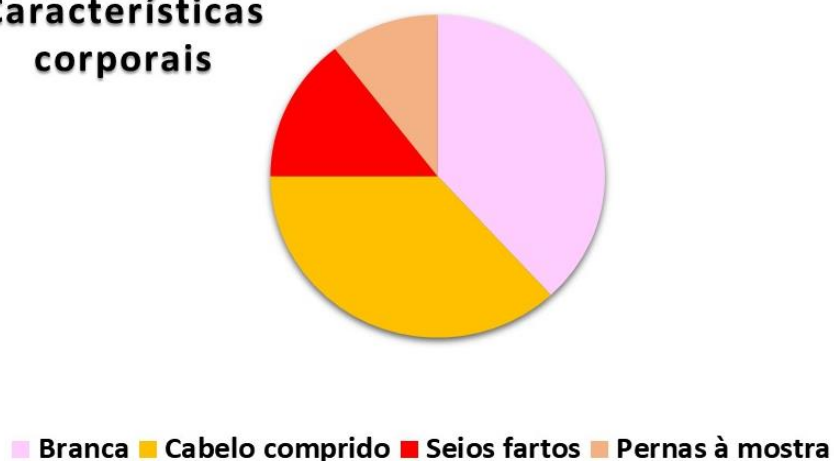
### Posição relativa da mulher na imagem



**Figura 6:** Distribuição percentual da posição da mulher nas capas dos livros – Fonte: Elaboração própria.

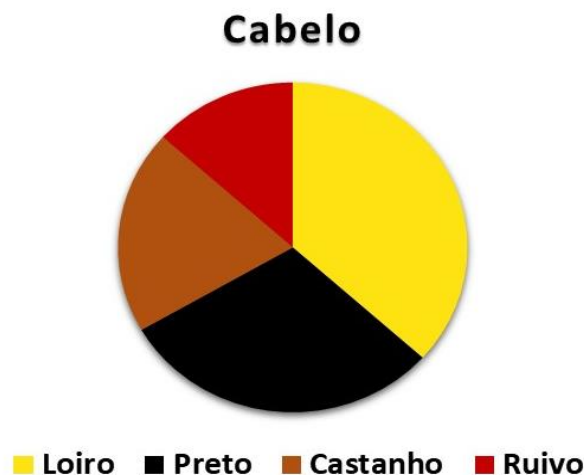
Detalhando mais a análise da figura feminina nas capas, fizemos a avaliação das principais características físicas apresentadas pelas mulheres nas capas das edições nacionais; este resultado aparece sumarizado na Figura 7.

### Características corporais



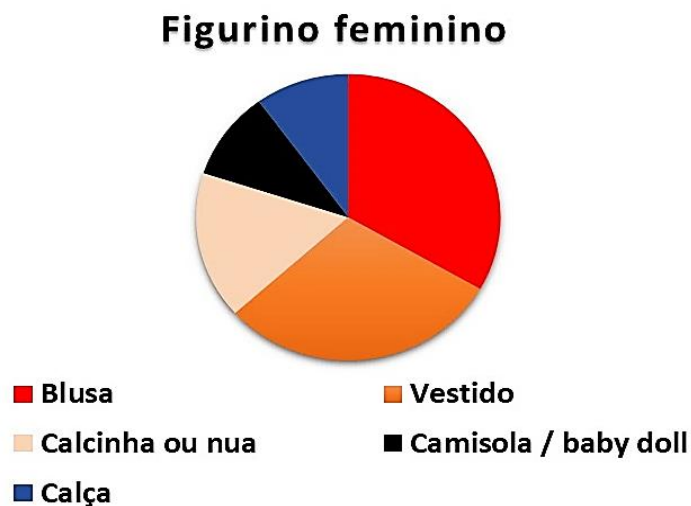
**Figura 7:** Principais características físicas da figura feminina nas capas dos romances analisados  
Fonte: Elaboração própria

A análise acima já permite esboçar o perfil típico da *femme fatale* nos romances: trata-se de uma mulher branca, de cabelos compridos, seios fartos e pernas à mostra. Na sequência da análise, a Figura 8 apresenta a distribuição percentual das figuras femininas das capas em relação à cor dos cabelos.



**Figura 8:** Cor do cabelo das figuras femininas nas capas dos livros – Fonte: Elaboração própria

Aqui, há quase um empate técnico entre as mulheres morenas e as de cabelo loiro, com leve predominância das últimas. A seguir, a Figura 9 reflete os tipos de figurino preferenciais apresentados pelas figuras femininas avaliadas.

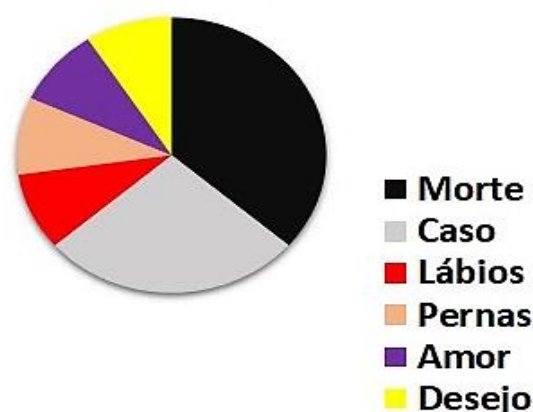


**Figura 9:** Figurinos femininos mais frequentemente exibidos pelas mulheres nas capas – Fonte: Elaboração própria

Observa-se predominâncias das blusas – em geral, decotadas, seguidas (em ordem de frequência) pelos vestidos, mas há também capas com mulheres (semi)nuas ou vestindo camisolas.

Sobre o principal elemento escrito da capa (o título) avaliou-se através dois aspectos através de análise estatística: i) os títulos dos livros; ii) a qualificação da mulher, a partir dos títulos. Para estas análises, especificamente, a amostra foi ampliada para 50 livros, uma vez que a pesquisa também levou em conta outros títulos informados nas páginas iniciais ou finais dos romances e que correspondiam a livros já lançados ou em fase de lançamento no Brasil dos anos (19)60. A Figura 10 apresenta as seis palavras mais frequentes nos títulos dos livros.

**Palavras mais comuns nos títulos**



**Figura 10:** Palavras mais frequentes nos títulos dos livros analisados – Fonte: Elaboração própria

Uma breve análise destas palavras mais frequentes revela que, embora as mais comuns (“morte” e “caso”) sirvam para demarcar o campo policial da narrativa, duas das palavras seguintes mostram foco em características físicas femininas (“lábios” e “pernas”); o binômio mulher/crime é reforçado pelas duas palavras seguintes, que revelam as principais motivações para as ocorrências criminais nestes romances: “amor” e “desejo”.

O Quadro 1, a seguir, apresenta as qualificações dadas nos títulos dos livros às mulheres, agrupadas nas categorias: “Corpo” (atributos físicos gerais ou específicos da figura feminina), “Personalidade” (incluindo atributos morais e/ou psicológicos) e “Atuação”.

<b>Categoria</b>	<b>Qualificações mencionadas</b>
Corpo	Bela Boa Gata Loira Morena Ruiva
Personalidade	Irrequieta Misteriosa Querida Sinistra Suspeita
Atuação	Assassina Dançarina “Deusa do Fogo” Escravidadora “Rainha do Jogo”

**Quadro 1:** Qualificações da mulher nos títulos dos livros – Fonte: Elaboração própria

O Quadro 1 agrega informações importantes em nossa análise, revelando que a figura feminina retratada nos romances *pulp fiction*, além de ser valorizada em função de um padrão estereotipado de beleza física, apresenta personalidade marcante e atuação decisiva nas histórias. “Irrequieta” e “misteriosa”, ela pode estar na origem dos crimes investigados por diferentes razões: como motivação, como vítima e, em determinados casos, até mesmo como perpetradora da violência, o que a torna também “sinistra” e “suspeita”. Delineia-se assim o perfil básico da chamada *femme fatale*, como veremos adiante.

A Figura 11 apresenta, em sua parte superior, duas das capas brasileiras, permitindo que se observe um padrão repetido em outras ilustrações de capa da coleção: em primeiro plano, observa-se uma mulher em destaque ocupando a maior parte da área da imagem, que tem fundo escuro. Na parte inferior, para efeito de comparação, a figura apresenta duas capas de romances *pulp fiction* publicados nos Estados Unidos na década de (19)50 – portanto, cerca de 10 anos antes das capas brasileiras – e atualmente à venda em sites especializados.



**Figura 11:** Parte superior: duas capas de romances *pulp fiction* publicados no Brasil nos anos (19)60; parte inferior: duas capas de romances publicados nos Estados Unidos – Fonte: Adaptado respectivamente de FISCHER (1964)<sup>4</sup>, FISCHER (1965), BROWN (1959)<sup>5</sup> e AXELROD (1952)<sup>6</sup>

<sup>4</sup> FISCHER, Bruno. *Escada para a morte*. Rio de Janeiro: Ediouro/Tecnoprint, 1964.

<sup>5</sup> BROWN, Carter. *The Wanton*. New York: Adventure House, 1959. 140p. Disponível em: <https://adventurehouse.com/shop/product/wanton-the-carter-brown/>. Acesso em: 31 out. 2021.

<sup>6</sup> AXELROD, George. *Blackmailer*. New York: Adventure House, 1952. Disponível em: <https://adventurehouse.com/shop/product/blackmailer-hard-case-paperback/>. Acesso em: 31 out. 2021.

Além do protagonismo feminino, as capas retratadas revelam a figura masculina em segundo plano (como já apontado anteriormente nos resultados sumarizados na Figura 5), diversas vezes com o homem vestido de modo mais formal que a mulher e assumindo a posição de observador desta. Por outro lado, a observação da Figura 11 comprova que a presença de mulheres em destaque nas capas não é uma característica exclusiva das edições brasileiras de romances *pulp fiction*. Ao contrário: estas reproduzem padrões já presentes em capas americanas publicadas na década anterior.

## Discussão

Tomados em conjunto, os resultados apresentados permitem identificar com clareza o padrão predominante para as capas de livros de *pulp fiction*: *i*) o elemento fundamental de primeiro plano é em geral uma mulher branca, de cabelo comprido e seios fartos; *ii*) os figurinos mais frequentes são blusas que realçam os seios e se destacam do fundo (em geral escuro) da capa; *iii*) é comum a presença de um ou mais homens em segundo plano, frequentemente na posição de observadores (que podem aparecer inclusive empunhando armas). Quanto aos títulos, as palavras mais frequentes são “caso” e “morte”, seguidas por palavras destinadas a descrever características das personagens femininas.

O destaque dado à figura feminina nas capas dos romances ocorre sobretudo por razões mercadológicas: o público-alvo para estes livros era constituído basicamente por homens jovens brancos (fatia da sociedade que unia o interesse pelo tema ao poder aquisitivo). Uma análise mais ampla permite afirmar inclusive que os padrões apresentados nas capas de *pulp fiction* “podem ser vistos como precedentes para os padrões de personagens presentes nas histórias em quadrinhos” (MEIER, 2017, [n. p.])<sup>7</sup>, que começavam a proliferar na época.

**Padrão estético importado:** A observação da similaridade entre as imagens das capas brasileiras e norte-americanas (Figura 11), somada aos resultados apontados pela análise estatística efetuada no presente trabalho e sumarizada nas figuras anteriores, evidencia que o padrão de beleza retratado nas capas brasileiras é um modelo estético construído internacionalmente e passivamente importado; mais especificamente, trata-se de um padrão norte-americano de corpo branco feminino. O tipo físico das mulheres retratadas nas capas dos livros de *pulp fiction*, por sinal, apresenta similaridade, inclusive, com as *pin-up girls* (outra instituição americana), que também é composta por mulheres brancas, loiras (em sua maioria), e as imagens valorizam a sensualidade, principalmente, através da exposição de pernas e seios (RIEMSCHEIDER, 2008). No entanto, há uma diferença marcante: enquanto as *pin-up girls* aparecem sempre sorridentes, em poses harmônicas, os romances apostam nas relações de tensão, explorando, nas cenas das capas, oposições como sedução/violência, vítima/agressor e, em última análise, amor/morte. Assim, ao contrário das *pin-up girls*, as mulheres nos romances *pulp fiction* sempre são fonte de perigo. Identificado o padrão norte-americano nas capas brasileiras, cabe-nos perguntar: por que isso acontece? É importante deixar claro que não se trata de simples reprodução das capas originais americanas, e sim da publicação de novas capas seguindo, no entanto, na representação da figura feminina, um padrão de corpo idealizado dentro da cultura norte-americana.

As explicações para o fenômeno conectam-se invariavelmente à instituição da indústria cultural. Em primeiro lugar, o ambiente das histórias era quase sempre norte-americano, de modo que o padrão de representação da figura feminina como mulher branca tipicamente idealizada na cultura americana seria uma escolha natural. Por sinal, alguns dos exemplares de *pulp fiction* publicados no Brasil apresentavam inclusive inscrições internas classificando-os, sem pudor algum, como livros “de tipo americano”. Além disso, uma vez que se tratava de obras previamente publicadas nos Estados

<sup>7</sup> “(The lurid covers) can be seen as a precedent to the character patterns of American comic books”.

Unidos com sucesso de vendagem e se tratando de produtos para consumo de massas, havia uma tendência (também inerente à indústria cultural) para evitar grandes alterações de estilo, revelando uma lógica capitalista do tipo: “Afinal, para que correr riscos, se o estilo já vendia tão bem?”

Por fim, há uma motivação adicional: numa interrelação característica de produtos e formas midiáticas de cultura de massa, os romances *pulp fiction* a um só tempo influenciaram e foram influenciados pelo florescimento do grande centro produtor e difusor da indústria cultural no século XX: os estúdios de cinema de Hollywood.

**Paralelo entre *pulp fiction* e cinema *noir*:** Há um claro parentesco entre os romances *pulp fiction* e os filmes *noir*, assim chamados os filmes policiais produzidos principalmente na Hollywood dos anos (19)40. De certo modo, pode-se dizer que se trata de roteiros semelhantes desenvolvidos em meios de comunicação diferentes, ainda que interligados. No entanto, é importante registrar uma diferença fundamental entre o cinema *noir* e a literatura *pulp fiction*. Nos anos (19)40 e (19)50, enquanto havia censura no cinema (e filmes sofriam risco de cortes para que pudessem ter exibição liberada), a literatura *pulp* não sofria censura – estava, por assim dizer, à margem até mesmo da censura (MEIER, 2017). Acrescenta-se que isso ocorreu tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos. Justamente por isso, mesmo em épocas de censura a certas produções da indústria cultural – em meados do século, em território norte americano, e a partir dos anos (19)60, no Brasil – o *pulp fiction* ainda podia ganhar mercado explorando dois temas de eterno interesse popular: sexualidade e violência.

Voltemos agora nossa análise aos adjetivos e qualificações para as mulheres retratadas nos livros, expressos através dos títulos das obras e apresentados no Quadro 1. As palavras utilizadas conectam fortemente a figura feminina na capa aos crimes característicos apresentados neste tipo de literatura, em que a motivação passional ganha destaque.

Neste contexto, em primeira análise, pode parecer deslocada a presença de uma palavra afetiva como “querida”. No entanto, essa impressão se desfaz quando se ressalta o contexto em que a palavra aparece: os títulos que a empregam são “Minha querida inimiga” e “Eu te matarei, querida”. Trata-se obviamente de títulos que, mais uma vez, enfatizam a tensão, justapondo amor, inimizade e morte.

A lista de termos presente no Quadro 1, encontrada a partir de nossa análise de 50 títulos, é praticamente uma definição, detalhada e com nuances, da chamada *femme fatale*, ou mulher fatal.

**A *femme fatale*:** A expressão *femme fatale* designa tradicionalmente a mulher que, sedutora, representa perigo ao homem (MORAES, 2007, p. 5). O arquétipo foi (e é) muito explorado no cinema, na literatura e na televisão, mas não é um produto da indústria cultural. Ao contrário: apresenta raiz milenar, sendo encontrado inclusive em relatos bíblicos do Antigo Testamento. Eva seria um exemplo, pois teria seduzido Adão a cometer o pecado que gerou a expulsão de ambos do Paraíso. Outro exemplo é Dalila, que corta o cabelo de Sansão, deixando-o indefeso. Há ainda exemplos orientais como Salomé e Cleópatra, conforme aponta Moraes (2007, p. 6).

O arquétipo da *femme fatale* – sensual e implacável – inegavelmente ganhou impulso na cultura pop com a ascensão do filme *noir*, ao lado dos folhetins pulicados em jornais e revistas e dos romances *pulp fiction*. Sobre o papel social desta mulher, Kahle *et al.* (2007) destacam:

Enquanto as mulheres de comédias anteriores e musicais de estúdio trabalharam para reafirmar valores sociais através do casamento, a *femme fatale* se recusa a ser vinculada à esfera doméstica prescrita a ela pela sociedade convencional. Ela rejeita o casamento e abraça uma vida independente, frequentemente fumando e bebendo. A *femme fatale* usa seus

poderes sexuais para conduzir o protagonista masculino através de um labirinto de mentiras (KAHLE *et al.*, 2007, [n. p.])<sup>8</sup>.

Por outro lado, segundo Moraes (2007), a *femme fatale* também pode ser vista como um corpo de trabalho sujeito a “processos de industrialização e mercantilização” (MORAES, 2007, p. 3). Atravessando os séculos, até hoje a figura da *femme fatale* impregna o imaginário popular e sobrevive em campos da indústria cultural como cinema, música e literatura (aqui incluídas as histórias em quadrinhos).

**Uma última pergunta:** Mas nossas análises e constatações levam ainda a uma outra pergunta: por que a *femme fatale* persiste como elemento-chave na produção cultural, em pleno século XXI? Lembremos aqui a função primordial dos produtos da indústria cultural: entretenimento. Nesse sentido, como o cinema, também o romance *pulp fiction* pode ser visto como uma rota de fuga em relação à vida cotidiana. Trata-se, portanto, de um espaço de sonho, de fetiche: um espaço inevitavelmente comandado, portanto, pelo desejo.

### Considerações finais

Conclui-se que a presença (em destaque) da figura feminina nas capas de romances *pulp fiction* tem a intenção de despertar o interesse imediato do público masculino a partir de imagens fabricadas no contexto da indústria cultural como sedutoras, complementadas por títulos e descrições que evidenciam e entrelaçam aspectos da sensualidade, da violência e do desejo. As imagens utilizadas nestas representações reforçam um padrão de beleza produzido pela indústria cultural, em que o olhar local é sacrificado em nome das vendas garantidas, prevalecendo uma visão editorial machista. Ao mesmo tempo que ajuda a vender livros, esta estratégia termina por se constituir como elemento de reforço de uma visão da figura feminina cujo corpo é motivação para crimes e fonte de perigos. Neste sentido, esperamos que a presente análise ajude a despertar o senso crítico inclusive diante de publicações do mercado editorial atual, pois consideramos que esta exploração do corpo feminino deve ser questionada e mesmo combatida.

### Referências

CAUSO, Roberto S. O pulp no Brasil: ficção especulativa. *Mundo Pulp*. Disponível em: <https://rscauso.tripod.com/mundopulp/id7.html>. Acesso em: 30 out. 2021.

HILDEBRAND, Hermes R. *Processos de criação – análise semiótica*. Disponível em: [http://www.hrenatoh.net/curso/textos/txtcom\\_analzorba.pdf](http://www.hrenatoh.net/curso/textos/txtcom_analzorba.pdf). Acesso em: 31 out. 2021.

KAHLE, Brewter *et al.* (Ed.). *The femme fatale throughout history: the wayback machine*, 27 set. 2007. Disponível em: <http://www.history.ca/content/ContentDetail.aspx?ContentId=73>. Acesso em: 31 out. 2021.

MEIER, Allison. The lurid covers of 20th-century pulp fiction. *Hyperallergic*, 30 jun. 2017. Disponível em: <https://hyperallergic.com/385022/pulp-fiction-cover-art-at-the-wolfsonian/>. Acesso em: 25 mar. 2022.

---

<sup>8</sup> “While women from previous comedies and studio musicals have worked to reaffirm social values through marriage, femme fatale refuses to be tied to the domestic sphere prescribed to her by conventional society. She rejects marriage and embraces an independent life, often smoking and drinking. The femme fatale uses her sexual powers to lead the male protagonist through a maze of lies”.

MORAES, Rita. *Femmes fatales: representation in the movies and the spectrum of modernity*, 2007. Disponível em: [http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRAPUI\\_I\\_UFMG/literature\\_pdf/lit96.pdf](http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/ABRAPUI_I_UFMG/literature_pdf/lit96.pdf). Acesso em: 31 out. 2021.

PIGNATARI, Décio. *Informação, linguagem, comunicação*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

RIEMSCHEIDER, Burkhard (Ed.). *1000 Pin-Up Girls*. Colônia: Taschen, 2008.

### **Sobre os autores**

**Paulo Roxo Barja**. Doutor em Ciências (Unicamp) com pós doutorado pela USP. Autor de 16 livros, desde 2002 é docente-pesquisador na UNIVAP.

*E-mail:* [prbarja@gmail.com](mailto:prbarja@gmail.com).

**Cláudia Regina Lemes**. Mestre em Semiótica e Tecnologias da Informação e Educação pela Universidade Braz Cubas, doutoranda em Psicologia pela USP.

*E-mail:* [claurlemes@gmail.com](mailto:claurlemes@gmail.com).